

OS FENÔMENOS DE MASSA E A SERVIDÃO VOLUNTÁRIA: UM POSSÍVEL DIÁLOGO ENTRE FREUD E LA BOÉTIE

(Mass phenomena and voluntary servitude: a possible dialogue between Freud and La Boétie)

Ricardo Salztrager¹

Resumo: A proposta do artigo é estabelecer um diálogo entre “O discurso da servidão voluntária” de La Boétie e a “Psicologia das massas e análise do eu” de Freud. Com isto, veremos que os grandes fenômenos de massa que se adentram no tecido sócio-cultural contemporâneo oferecem modelos alternativos de coesão grupal, dado o relativo declínio das instituições tradicionais. Nossa proposta é a de sustentar que tais fenômenos têm sua eficácia assegurada, basicamente, por uma espécie de servidão voluntária da parte dos que neles se inserem. Tal servidão se justificaria pelos benefícios que o sujeito pode alcançar mediante sua inclusão em alguns destes grupos.

Palavras-chave: Fenômenos de massa; servidão voluntária; contemporaneidade; psicanálise.

Abstract: This article aims to establish a dialogue between La Boétie’s “Discourse on Voluntary Servitude” and Freud’s “Mass psychology and the analysis of the ego”. We will see that the great mass phenomena which permeate the social-cultural contemporary tissue offer alternative models of group cohesion, taking into consideration the relative decline of the traditional institutions. Our aim is to argue that such phenomena have their efficacy guaranteed, basically, by a form of voluntary servitude. This servitude is justified by the benefits people get through the inclusion in some of these groups.

Key-words: Mass phenomena; voluntary servitude; contemporaneity; psychoanalysis.

No longínquo ano de 1546, o jovem Étienne de La Boétie rascunhava as primeiras páginas de uma espécie de manifesto que anos mais tarde iria rodar o mundo e para o qual deu o nome de “Discurso da servidão voluntária”. Trata-se de um texto de raríssima beleza, no qual grande parte da história da humanidade é percorrida, visando demonstrar como os homens sempre encontraram-se relativamente aptos para bem servir a alguns poucos líderes. Nele, as relações entre dominador e dominado são invertidas, de modo a destacar que são os próprios dominados aqueles que sustentam os grandes tiranos, simplesmente, pela escolha de a eles voluntariamente servir. Assim, a expressão “servidão voluntária”, de início estranha e paradoxal, ganha força no sentido de demonstrar que toda e qualquer obediência é sempre consentida.

No ano de 1921, o já famoso Sigmund Freud, preocupado com a influência que o social exerce sobre o dinamismo psíquico dos sujeitos, publica a “Psicologia das massas e análise do eu”. O ensaio sempre foi considerado central para os que se debruçaram sobre seu pensamento, seja pelo destaque concedido às relações entre o sujeito e seus semelhantes, seja por trazer consigo o germe de algumas idéias e conceitos a serem posteriormente desenvolvidos. Da nossa parte, o texto freudiano é

considerado atualíssimo, já que na sociedade contemporânea, os fenômenos de massa vêm ganhando cada vez mais força.

Neste contexto, a proposta do presente artigo é oferecer uma análise sobre estes fenômenos de massa contemporâneos. Trata-se de modismos de durações fugazes, aglomerações de diversas pessoas com algumas aspirações semelhantes, grupos religiosos que prometem aos crentes uma cura milagrosa, multidões inteiras reunidas em torno de alguns ídolos, somente para citar alguns exemplos dos fenômenos de massa em ascensão. Mediante tal exame, veremos que eles se sustentam e ganham força, justamente, por uma espécie de servidão voluntária da parte dos que neles se inserem. Com isto, nos posicionaremos contra certo ponto de vista que insiste em qualificar o sujeito massificado como alienado ou facilmente sugestionável. Pelo contrário, mediante a circunscrição de um diálogo entre as obras de Freud e de La Boétie, ressaltaremos ser o próprio sujeito aquele que opta por deixar-se levar pelas grandes massas em virtude dos benefícios que estas podem lhe propiciar.

La Boétie e os paradoxos da servidão voluntária

O “Discurso da servidão voluntária” teve sua primeira edição em 1580, quando dezessete anos decorriam da morte precoce de La Boétie. Trata-se de um manifesto escrito na Europa seiscentista que assistia a era do florescimento cultural do Renascimento, ao início do movimento para a criação dos jovens Estados e a uma série de lutas que tinham nas figuras dos católicos e protestantes seus principais atores. Sobre este último aspecto, é importante marcar que, mesmo antes de sua publicação, a obra já se propagava de forma clandestina por alguns lugares, inspirando revoltas de cunho religioso, dentre as quais a mais conhecida foi o ataque dos calvinistas à monarquia de Carlos IX.

Apesar de se configurar como um texto militante, não há em suas páginas menção alguma à necessidade de se utilizar da violência para destituir os poderosos. Pelo contrário, a mudança política à qual La Boétie era favorável recorreria não ao uso da força, mas à simples recusa do povo em obedecer aos governantes. Mediante tal resistência, a tirania se destruiria sozinha. A renúncia da população à obediência colocaria um ponto final em sua própria escravidão.

É justamente aí que se mostra a originalidade do texto: aparentemente paradoxais, os termos “servidão” e “voluntária” se encontram para designar uma submissão que, em si, jamais é forçada. Ou seja, a obediência dos oprimidos é sempre consentida e apenas a junção destes termos explica como alguns poucos conseguem dominar e explorar uma sociedade inteira por tanto tempo.

A questão em torno da qual gira a discussão é, portanto, a seguinte: como tantos servos podem suportar um único tirano, quando este só o é porque os próprios homens lhe concedem tal autoridade? Assim, La Boétie (1850/2009) inicia seu manifesto expondo que a maior desgraça de um homem é encontrar-se assujeitado a alguém de quem jamais se pode ter garantias de atos bondosos e que pode até promover a maldade a seu bel prazer. Em linhas gerais, o incômodo do autor está em perceber que este suposto tirano só prejudica àqueles que o querem suportá-lo, optando pela tolerância ao invés de simplesmente contradizê-lo. Com efeito, determinada população não é, a princípio, obrigada a servir miseravelmente em virtude de uma força que se impõe, mas porque ficam fascinados por aqueles que, caso contrário, jamais seriam objetos de idolatria ou temor.

Trata-se, aqui, de algo que se manifesta no cotidiano de povos irresistivelmente atraídos por um governante qualquer. Segundo a argumentação, tudo se passa como se

houvesse uma espécie de vício que promove a servidão das pessoas. Este vício, por sua vez, não diz respeito propriamente à covardia, mas a algo “que não encontra nome suficientemente indecoroso, que a natureza se nega a conhecer e a língua se recusa a pronunciar” (La Boétie, 1850/2009, p. 32). Por tal vício, o homem abre mão de seu desejo pela liberdade, como se dela desdenhasse, justamente, por ser algo extremamente fácil de conseguir. E quando se perde a liberdade, toda espécie de mal sobrevém. Enquanto isso, outros bens perdem seus atrativos por estarem corrompidos pela servidão.

Nesta perspectiva, o hábito de servir ganha cada vez mais espaço. Segundo a argumentação de La Boétie, o povo se esquece que originalmente é livre e jamais consegue despertar para a reconquista da liberdade perdida. Os sujeitos se privam da liberdade e, em troca, ganham a servidão. Submissos, eles perdem seus brios, entusiasmos e “caminham em direção ao perigo como que arrastados e sem ânimo, como se cumprissem uma obrigação” (ib., p. 52).

Deste modo, o espantoso é saber que mesmo os bois sofrem quando dominados pelos homens, os elefantes reagem se livrando de suas presas quando capturados e outros animais morrem quando a liberdade lhes é retirada. Então por que o homem concede sua liberdade de forma consentida e dela se esquece de maneira tão fácil? Por que uma multidão inteira se curva diante de alguém que, por ser apenas um, jamais teria força suficiente para enfrentá-la?

Com efeito, a submissão manifesta em sua época não seria uma exceção e nem se justificaria por quaisquer fatores sociais, econômicos ou políticos. Assim, ao longo do manifesto, La Boétie percorre histórias dos gregos, egípcios, romanos e hebreus para demonstrar como a servidão voluntária dos povos se apresentou ao longo dos séculos. Temos, na história da humanidade, povos inteiros que optaram pela segurança duvidosa de viver miseravelmente ao invés de caminhar por entre os percalços de uma vida em liberdade. E se a tirania sempre conseguiu sua força pela servidão voluntária, a derrocada dos soberanos pode se dar sem que se empreenda o menor combate. Basta, apenas, que o povo renuncie à servidão. Portanto, é a disponibilidade do homem à servidão voluntária o que justifica a escravidão e o consentimento aos maus tratos é o que dá força aos que controlam. Segundo suas palavras:

Não é preciso derrubar nem combater esse tirano. Ele se destrói sozinho, se o país não consentir com sua servidão. Nem é preciso tirar-lhe algo, mas só não lhe dar nada. O país não precisa esforçar-se para fazer algo em seu próprio benefício, basta que não faça nada contra si mesmo. São, por conseguinte, os próprios povos que se deixam, ou melhor, que se fazem maltratar, pois seriam livres se parassem de servir. É o próprio povo que se escraviza e se suicida quando, podendo escolher entre ser submisso ou ser livre, renuncia a liberdade e aceita o jugo; quando consente com seu sofrimento, ou melhor, o procura (ib., p. 34).

Enfim, a obra de La Boétie nos traz a estranha afirmação de que somos assujeitados, justamente, porque assim desejamos. E após um primeiro impulso à submissão, a servidão voluntária se propagaria por toda a população como que impulsionada por uma espécie de contágio:

O fogo de uma pequena faísca cresce e vai aumentando sempre e, quanto mais lenha encontra, mais está disposto a queimar. Não é preciso jogar água para apagá-lo, basta não colocar mais lenha, e ele, não tendo mais o que consumir, acaba se extinguindo por si mesmo, fica sem força e não é mais fogo. Do mesmo modo, os tiranos, quanto mais pilham mais exigem. Mais arruinam e destroem quanto mais é dado a eles. Quanto mais servidos mais se fortalecem e se tornam cada vez mais fortes e dispostos a aniquilar e destruir tudo. Mas basta não lhes dar nada e não lhes obedecer, sem combatê-los ou atacá-los, e eles ficam nus e

são derrotados, e não são mais nada, assim como o ramo que, não tendo mais sumo nem alimento em sua raiz, seca e morre (ib., p.35).

Assim, compreendendo a argumentação de La Boétie, vemos que o aparente paradoxo contido na expressão “servidão voluntária” logo se desfaz. Com efeito, sua obra foi bastante exaltada através dos tempos, constituindo-se como objeto de diferentes releituras dentro dos mais variados contextos sociais e culturais. Foram muitos os que a utilizaram para fins políticos, anárquicos ou simplesmente em defesa da liberdade do homem.

Nossa proposta é contemplar o texto como uma importante ferramenta para a compreensão de alguns fenômenos recorrentes nas diversas formações massificantes em ascensão na contemporaneidade.

Freud e os fenômenos de massa

A fim de examinar a estrutura e o funcionamento destes fenômenos de massa, voltemos nosso interesse para o ensaio de Freud (1921/1995) “Psicologia das massas e análise do eu”. A questão que o motiva a escrever o texto é a seguinte: por que, imerso numa massa, o sujeito se comporta completamente diferente de quando é tomado em estado de isolamento? Em outros termos: como a massa consegue influenciar o sujeito de modo tão crucial, a ponto de fazê-lo pensar e agir de maneira tão diversa?

Esta questão é por Freud trabalhada a partir de um diálogo com a obra de Le Bon (1895). Com efeito, ambos concordam que, numa massa, certas idéias e sentimentos subjetivos se transformam em atos com maior facilidade. Como se lá imerso, o sujeito adquirisse uma espécie de poder que lhe permite render-se a tais pensamentos e sentimentos de forma imperiosa. Para Freud, o poder em questão remete indubitavelmente a certo afrouxamento do mecanismo de recalque. Tudo se passa com se, tomado por um sentimento de onipotência, a noção de impossibilidade lhe desaparecesse, de modo que passe a não tolerar o menor hiato de espera entre um desejo e sua efetiva realização. Da mesma maneira, por mais que o sujeito massificado seja capaz de arduamente desejar algo, isto nunca se dá por muito tempo, posto ser ele incapaz de perseverar em suas aspirações.

O sujeito massificado é exaltado, tem suas emoções intensificadas e pode entregar-se às mais diversas paixões. Ele se torna um incontestante, impulsivo e, por muitas vezes, contraditório. Ademais, sua singularidade parece desvanecer, fazendo com que ele pense e se comporte tal qual os demais membros do grupo. Deste modo, ele tende a ser conduzido, com maior ou menor facilidade, em conformidade com os padrões estabelecidos pela massa.

A discordância entre os dois autores começa a aparecer quando Freud se depara com a problemática afirmação de Le Bon de que tais transformações subjetivas seriam decorrentes de práticas de sugestão. Estas responderiam pelo estado de fascinação à figura do líder da massa, promovendo a inclinação de todos rumo à direção por ele proposta. Em si, a sugestão também seria a responsável pelo estranho fato de, numa massa, os membros se encontrarem relativamente submetidos a uma espécie de poder mágico das palavras. Neste aspecto, um discurso apaixonado, repetido, exagerado e mesmo pouco ou nada consistente seria capaz de instaurá-la.

Ainda de acordo com Le Bon, a sugestão também promoveria o fenômeno do contágio. Com ele, a simples percepção de uma emoção nos outros pode fazê-la despontar naquele que a percebe, contribuindo, portanto, para o desvanecimento das singularidades. Também é mencionado que quanto maior o contágio, mais os sujeitos deslizarão para um mesmo comportamento, discurso ou estado emocional. O contágio

também explicaria o fato do sujeito tornar-se imperioso e impulsivo, como se suas dúvidas e incertezas fossem deixadas de lado.

Para Freud, é inegável a presença do contágio nas massas. No entanto, ao longo do texto, ele demonstra certo incômodo em derivá-lo das práticas de sugestão. Sua aversão por seu passado de hipnotizador falou mais alto, fazendo-o considerar a sugestão como uma prática obscura, enigmática e que não possui quaisquer fundamentos lógicos. Com a hipnose, ele aprendeu que é possível se resistir à sugestão e, se tal capacidade de resistência é reduzida nas massas fazendo instaurar o contágio, isto deve se dar por outros fatores.

Deste modo, é empreendida uma longa argumentação sobre as causas das mudanças subjetivas na massa. Neste contexto, a saída por Freud encontrada é derivá-las da própria estrutura libidinal dos grupos e da idealização à figura do líder. De acordo com o texto, a existência de laços libidinais é o que propriamente caracteriza e faz emergir uma massa. Assim, ela se funda e permanece ao longo do tempo devido aos laços que unem todos os membros do grupo uns aos outros. Ou seja, a massa se forma pelo poder de Eros e o sujeito abandona sua singularidade e permite por ela influenciar-se devido à necessidade de se estar em harmonia com os outros. Trata-se, para Freud, de uma explicação mais plausível que a de Le Bon.

Neste aspecto, a idealização à figura do líder também contribui para a redução da iniciativa própria do sujeito, bem como para o advento de sua devoção aparentemente ilimitada. Sobre isto, Freud destaca o fenômeno da supervalorização do objeto amado: com efeito, este desfruta de certa liberdade quanto à crítica, de modo que seus atributos sejam mais reconhecidos que os de alguém não amado, ou mesmo, dele próprio quando ainda não o era. Assim, a idealização é situada como a tendência responsável por falsificar tal julgamento a respeito do objeto.

É exposto que, numa situação de apaixonamento, o sujeito se torna cada vez mais desprezioso e o objeto, por sua vez, cada vez mais sublime. Tal estado de coisas chega ao cúmulo de se poder conjecturar que todas suas ações, sentimentos e emoções são coerentes, embora não os sejam efetivamente. Depreende-se, portanto, que uma idealização à figura do líder da massa deve ser capaz de instaurar os mesmos efeitos das práticas de sugestão: em ambos os casos existe a mesma sujeição humilde por parte do sujeito, o mesmo desvanecimento de sua iniciativa própria, bem como a mesma devoção em relação ao objeto.

Claro está que ao situar a emergência do contágio nos laços libidinais do grupo e nos processos de idealização ao líder, o pensamento freudiano se coloca contra o ponto de vista de que a massa é capaz de dominar e influenciar o sujeito a tal ponto que ele se transforme em algo que originalmente não era. Pelo contrário, toda a discussão parece convergir para a circunscrição de certo voluntarismo dos sujeitos em deixar-se levar pelas massas, o que, em muito, se assemelha à argumentação de La Boétie. Ou seja, trata-se aqui também, do estabelecimento de uma espécie de servidão voluntária que se instaura pela necessidade de se estabelecer laços e pela iniciativa por obedecer àquele que se idealiza. Sobre estes aspectos, Freud escreve:

se um indivíduo abandona sua distintividade num grupo e permite que seus outros membros os influenciem por sugestão, isso nos dá a impressão de que o faz por sentir necessidade de estar em harmonia com eles, de preferência a estar em oposição a eles, de maneira que, afinal de contas, talvez o faça ‘ihnen zu Liebe’²² (ib., p.103).

Assim, é por desejar constituir laços sociais que o sujeito voluntariamente se inclui numa formação grupal massificante. Tal como no manifesto de La Boétie,

também existe na abordagem freudiana certa escolha pelos benefícios dos quais se poderá usufruir dentro de um agrupamento deste tipo. De acordo com esta visão, o desvanecimento subjetivo, bem como todas as outras modificações que o sujeito sofre na massa seriam apenas conseqüências de sua escolha por lá estar. Vejamos ainda esta passagem:

o indivíduo abandona seu ideal do eu e o substitui pelo ideal do grupo, tal como é corporificado no líder. (...) A seleção do líder é muitíssimo facilitada por essa circunstância. Com freqüência precisa apenas possuir as qualidades típicas dos indivíduos interessados sob uma forma pura, clara e particularmente acentuada, necessitando somente fornecer uma impressão de maior força e de mais liberdade de libido. Nesse caso, a necessidade de um chefe forte freqüentemente o encontrará a meio caminho, e o investirá de uma predominância que de outro modo talvez não pudesse reivindicar” (ib., p. 139).

Nesta passagem, fica estabelecido que são os próprios sujeitos que escolhem seus líderes, e não o contrário. E é a este líder idealizado que eles irão obedecer servilmente. Trata-se, portanto, da mesma situação de fascínio descrita por La Boétie, que faz com que inúmeros sujeitos se coloquem à disposição de um único líder por eles constantemente alimentados.

Assim, estabelecido diálogo entre as abordagens de Freud e de La Boétie, vejamos como o fenômeno da servidão voluntária pode ser circunscrito no contexto das formações massificantes contemporâneas.

Freud, La Boétie e os fenômenos de massa contemporâneos

Com base na análise precedente, nossa proposta agora é demonstrar que, na contemporaneidade, alguns sujeitos optam por incluir-se nos fenômenos de massa emergentes – e, portanto, sofrerem as conseqüências desta escolha – pela necessidade de resgatar alguma forma de inclusão no pacto social. Ou seja, dada a relativa decadência das instituições tradicionais, vislumbramos alguns fenômenos de massa ganhando espaço na cena contemporânea, funcionando como altamente sedutores para alguns. Esta sedução se daria, justamente, por tais formações grupais se constituírem como alternativas para o estabelecimento de laços sociais.

Para o desenvolvimento de nossa hipótese, o texto freudiano será, mais uma vez, de suma importância. Nele, percebemos que um conjunto bastante diversificado de organizações grupais foram igualmente tomadas como semelhantes e, portanto, fundidas sobre o mesmo termo “massa”. No entanto, uma leitura atenta consegue destacar uma distinção entre o que Freud denomina de “grupos artificiais” (p. 105) e os fenômenos de massa propriamente ditos. Como exemplo dos primeiros, o texto menciona a Igreja e o Exército. Trata-se, aqui, de grupos eminentemente duradouros, altamente estáveis e que, assim, possuem estrutura e funcionamento distintos dos fenômenos de massa *stricto sensu*. Estes últimos são por ele considerados como efêmeros e voláteis, nos quais “algum interesse passageiro apressadamente aglomerou (...) diversos tipos de indivíduos [com] um interesse comum num objeto e uma inclinação emocional semelhante” (ib., p. 94).

Aos primeiros grupos, devemos relacionar as tradicionais instituições de confinamento analisadas por Foucault (1996) em “Vigiar e punir”. Como exemplos, destacam-se as escolas, as fábricas e todas as demais instituições com costumes, hábitos e dinamismos duradouros. O apoio destas instituições em determinadas tradições acaba por lhes proporcionar certa estabilidade e, por isto, elas se configuram como objetos de respeito por parte do corpo social. Os sujeitos lá persistem por algum tempo e, no caso de quaisquer desligamentos, suas funções são facilmente transferidas a outros. Trata-se

de organizações grupais com funcionamento razoavelmente harmônico e que, assim, fornecem as mais diversas garantias para os que ali estão inseridos.

Os fenômenos de massa, por sua vez, são contemplados enquanto organizações passageiras ou modismos que se formam a partir de uma aspiração ou desejo em comum da parte de seus membros. Neles, valoriza-se mais o tempo presente e, mesmo quando uma tradição é evocada, é apenas com o propósito de justificar a interação momentânea. Segundo nossa leitura, é somente nestes que verificamos as características acima descritas referentes à impulsividade, à intensificação das emoções e ao desvanecimento das singularidades.

Conforme assinalamos anteriormente, observamos que, no solo contemporâneo, as tradicionais instituições vêm, aos poucos, cedendo espaço para a emergência destes fenômenos de massa. Trata-se, aqui, de um efeito da comumente designada “falência da autoridade simbólica”, destacada na obra de alguns autores – dentre os quais, guardadas as devidas diferenças em suas teorias, podemos mencionar Deleuze (1992), Kristeva (2000) e Hardt & Negri (2001) – como ponto central em torno do qual gravitam as mudanças observadas em nossa sociedade.

Com efeito, tal falência remete à relativa decadência das instituições tradicionais que, se eficazes, funcionam no sentido de oferecer determinados modelos identificatórios para os sujeitos. De acordo com Foucault, estes verdadeiros dispositivos de poder seriam encarregados de regularizar hábitos e costumes, oferecendo ao sujeito regras para a convivência em comum na medida em que prescrevem comportamentos normais ou desviados em conformidade com os valores proeminentes. Com o relativo declínio destas instituições na contemporaneidade, caem por terra todos os modelos por ela perpetrados.

Assim, retomando a análise freudiana sobre os “grupos artificiais”, encontramos a afirmação de que eles se estruturam a partir da ilusão de que seus líderes amam a todos com um sentimento equivalente. Em si, o funcionamento destes grupos dependem, de forma crucial, desta ilusão. Caso a ilusão seja abandonada, eles rapidamente se dissolvem. Nota-se, segundo Freud, que nestes grupos, cada sujeito encontra-se ligado, por um lado, por laços libidinais ao líder e, por outro, por enlaces com os demais membros. E é à figura destes líderes que devemos reportar a designada “autoridade simbólica”, ou seja, algo ou alguém que encarna uma espécie de modelo para os que o seguem e que traz consigo valores e atributos favoráveis à identificação por parte dos sujeitos.

Neste sentido, é crucial a afirmação de Freud de que o rompimento dos laços libidinais destes grandes grupos faz advir o fenômeno do pânico. Em outros termos, quando os atributos dos líderes passam a ser desvalorizados e suas ordens não mais atendidas, todos os laços sociais se desfazem. Cada sujeito passa a se preocupar apenas consigo próprio e, com isto, o sentimento de pânico se adentra por entre os meandros da estrutura grupal, provocando sua desintegração:

se um indivíduo com pânico começa a se preocupar apenas consigo próprio, dá testemunho, ao fazê-lo, do fato de que os laços emocionais, que até então haviam feito o perigo parecer-lhe mínimo, cessaram de existir. Agora que está sozinho, a enfrentar o perigo, pode certamente achá-lo maior. Dessa maneira, o fato é que o pânico pressupõe o relaxamento na estrutura libidinal do grupo e reage a esse relaxamento de maneira justificável” (ib., p. 108).

Deste modo, assinalamos que a quebra da ilusão referente à suposta garantia de proteção por parte da figura da autoridade simbólica favorece o advento de um sentimento exacerbado de angústia. Assim, o sujeito passa a ser presa de sua mais extrema condição

de desamparo (Pereira 1999). Era justamente esta autoridade quem fornecia as garantias últimas para sua inserção no campo social. Neste contexto, seu destronamento faz com que os sujeitos se deparem com uma situação que, até então, não conheciam.

Com base nestes pressupostos, podemos arriscar a hipótese de que, na contemporaneidade, devido à relativa falência das instituições tradicionais, alguns sujeitos passem a apresentar forte tendência em buscar novas formas de laços sociais. É, portanto, sobre este pano de fundo, que os fenômenos de massa adquirem cada vez mais força. Com eles, novos valores, costumes e regras possibilitam o encontro de outros pontos de referência que sirvam de sustentáculo para alguns. A citação de Freud é bastante elucidativa a este respeito:

Uma massa impressiona um indivíduo como sendo um poder ilimitado e um perigo insuperável. Momentaneamente, ele substitui toda a sociedade humana, que é a detentora da autoridade, cujos castigos o indivíduo teme e em cujos benefícios se submeteu a tantas inibições. É-lhe claramente perigoso colocar-se em oposição a ela, e será mais seguro seguir o exemplo dos que o cercam, e talvez mesmo ‘caçar com a matilha’. Em obediência à nova autoridade, pode colocar sua antiga ‘consciência’ fora de ação e entregar-se à tentação do prazer aumentado, que é certamente obtido com o afastamento das inibições. No todo, portanto, não é tão notável que vejamos um indivíduo numa massa fazendo ou aprovando coisas que teria evitado nas condições normais de vida” (ib., p. 95).

Com efeito, a passagem novamente aponta para o desejo e iniciativa própria do sujeito de incluir-se num fenômeno de massa. Existe, é claro, a ilusão de que a massa, enquanto detentora de um poder ilimitado, deverá remediar o sujeito de uma situação de desamparo que, no entanto, é sempre recorrente. Mas nem este fato contradiz a hipótese de que a inclusão do sujeito em uma destas massas é algo voluntário.

Conforme assinalamos, as massas trazem valores ou modelos a serem resgatados, servindo de referências alternativas para certo reposicionamento no corpo social. Por enquanto, em nossa argumentação, não é relevante que tais valores sejam fugazes e atendam às necessidades do mercado. Ou mesmo que alguns modelos identificatórios propostos beirem o absurdo. É claro que, em análises posteriores trataremos destes assuntos, trabalhando, inclusive, com a possibilidade de encarar as grandes massas contemporâneas como responsáveis por aumentar ainda mais o sentimento de exclusão subjetiva. Por agora, é importante apenas destacar que, na atualidade, alguns sujeitos voluntariamente se colocam à disposição de a elas bem servir.

Com isto, – e com o devido apoio nas obras de La Boétie e de Freud – nos posicionamos contra certo ponto de vista de que o sujeito contemporâneo é fortemente manipulado, ou mesmo, controlado pela sociedade ou mercado de consumo. Claro está que podem existir verdadeiros “tiranos de plantão” sempre disponíveis para ser adorados e idolatrados pelas grandes massas. Mas o importante a ressaltar é que o próprio sujeito se deixa voluntariamente levar por tal adoração ou idolatria, e assim o faz em prol da ilusão de segurança que a massa lhe fornece. Como consequência, ele adquire benefícios como, por exemplo, a criação de novos laços sociais e, por que não dizer, certo afrouxamento em seus mecanismos de recalque que lhe permitirá colocar em atos alguns desejos que não teria coragem de sozinho realizar. E, neste sentido, se ele se deixa conduzir por um fenômeno de massa qualquer, tornando-se quase que um autômato entusiasta, é porque assim o escolhe com o intuito de adquirir todas as vantagens que a massa pode lhe proporcionar.

Notas

1. Professor Adjunto I da Universidade Federal Fluminense, Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
2. Em português, “Pelo amor deles”.

Referências Bibliográficas:

- DELEUZE, Gilles. (1992). *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora 34.
- FOUCAULT, Michel. (1996). *Vigiar e punir*. Tradução de Raquel Ramalhete. 35ª edição. Petrópolis: Ed. Vozes.
- FREUD, Sigmund. (1995). “Psicologia das massas e análise do ego”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. vol. 18. Tradução de Cristiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago. Original publicado em 1921.
- HARDT, Michael. & NEGRI, Antônio. (2001). *Império*. Tradução de Berilo Vargas. 3ª edição. Rio de Janeiro: Record.
- KRISTEVA, Julia. (2000). *Sentido e contra-senso da revolta: poderes e limites da psicanálise I*. Tradução de Maria Helena Monteiro. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- LA BOÉTIE, Étienne. (2009). *O discurso da servidão voluntária*. Tradução de Casemiro Linarth. São Paulo: Martin Claret. Original publicado em 1580.
- LE BON, Gustave. (1895). *Psychologie des foules*. Paris: Édition Félix Alcan.
- PEREIRA, Mário Eduardo Costa. (1999). *Pânico e desamparo: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Editora Escuta.

Recebido em 15/11/2011
Aprovado em 10/12/2011